

Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 -

Dezembro/2010

***A Arte da língua de Angola (1697) e a gramática
latina de Manuel Álvares (1572)***

Maria Carlota Rosa¹ (UFRJ)

Resumo

De institutione grammatica libri tres, do jesuíta Manuel Álvares, publicada em Lisboa em 1572, eclipsaria qualquer outra gramática até meados do XVIII. A obra de Álvares teve 531 edições, muitos comentadores e constituiu-se no modelo para a quase totalidade das obras da Companhia de Jesus sobre as línguas do Novo Mundo. Um indício de sua penetração sem paralelo emerge da leitura de textos que, mesmo sem referência explícita, remetem às regras da obra de Álvares sem necessidade de reprodução de mais de duas ou três palavras das regras gerais daquele texto. É este o aspecto que será analisado neste trabalho, tomando para estudo a obra de outro jesuíta, Pedro Dias, e sua *Arte da língua de Angola*, escrita na Bahia, mas publicada em Lisboa em 1697.

Palavras-chave: Manuel Álvares, Pedro Dias, Companhia de Jesus, gramáticas missionárias.

Abstract

De institutione grammatica libri tres, written by the Jesuit Manuel Álvares and published in Lisbon in 1572, obscured any other grammar until the middle of the 17th century. Álvares' book had 531 editions, many commentaries and it was the model for the most part of the Jesuit grammatical descriptions of the languages in the New World. Its success allows reference to it without any mention to the author but two or three initial words in each Álvares general grammatical rule. This is the aspect analyzed in this paper, focusing on another Jesuit work, the *Arte da língua de Angola*, written in Bahia (Brazil), and published in Lisbon in 1697.

Key-words: Manuel Álvares, Pedro Dias, Society of Jesus, missionary grammars.

Manuel Álvares (1526-1583) nasceu em Ribeira Brava, na Madeira (Portugal). Entrou na Companhia de Jesus em 1546.

Ciente de que o Pe. Manuel Álvares escrevera “*algumas cousas que podiam ser muito proveitosas ao bem comum*”, o então Superior Geral da Companhia, Diogo de Laynez (1512-1565), pediu-lhe esse material (Costa, [1974]: xiii) – que se especula ser a origem de *De constructione octo partium orationis* (Costa, [1974]: xiii; Verdelho, 1995: 100). Não foi essa, porém, a obra que tornaria Álvares famoso – fosse ele ou não seu verdadeiro autor.

O sucessor do Padre Laynez, o Geral Francisco Borja¹ (1510-1572), incumbiria Manuel Álvares de fazer uma gramática a ser adotada em todos os colégios da Companhia (Costa, [1974]: xiii), que deveria substituir o trabalho do flamengo Johannes Despauterius² (1460-1520), adotado nos colégios da Companhia em Portugal em razão de não haver outra que lhe fosse superior, como comenta o Pe. Francisco Rodrigues:

Cedo começou a pensar-se em compor gramática especial para as escolas da Província. Enquanto porém não a tiveram como queriam, foram-se os mestres servindo das que havia publicadas. A que se usou comumente, foi a famosa do flamengo Despautério, que para esse fim se imprimiu em edições parciais. (RODRIGUES *Apud* VERDELHO, 1995: 101)

Uma vez acabada, a obra de Álvares foi expressamente recomendada na *Ratio Studiorum* de 1599 para o ensino regular de latim em todos os colégios jesuítas:

23. Gramática do P. Álvares – que os nossos professores adotem a gramática do P. Manuel. Se em algum lugar o seu método parecer muito elevado para a capacidade dos alunos, adote então a gramática romana, ou após consulta do Geral, mande compor outra semelhante, conservando sempre, porém, a importância e propriedade de todas as regras do P. Álvares (*Ratio studiorum*, Regras do Provincial – in FRANCA, 1952: 128).

Costa ([1974]:xv) reporta-se a Sommervogel para informar que a obra de Álvares conheceria 530 edições em vinte e dois países. Cerca de um século depois de Sommervogel, Verdelho (1983: 351, n. 6; 1995: 47 n.8) aponta 531 edições, com a edição comemorativa saída no século XX – informando que em Portugal, além desta, foram três edições no século XVI, treze no XVII e nove no XVIII.

Não bastassem as reedições, a importância de Álvares está também evidenciada na quantidade de referências e de comentadores, como Madureira Feijó (1688-1741), Bartolomeu Rodrigues Chorro (fl. 16-), Francisco da Costa (?-1624), António Franco (1632-1732), João Nunes Freire (fl. 16-), para citar alguns, cada um deles também com várias reedições.

A gramática latina de Álvares compõe-se de três partes, ou livros, cada uma dedicada a uma das séries dos estudos inferiores: a etimologia, a sintaxe e a prosódia. Toda a descrição está centrada na palavra e em suas flexões. Mesmo a *construção* (ou *sintaxe*) é apresentada por classe gramatical.

¹ Superior Geral da Companhia de Jesus de 1565 a 1572).

² A julgar pela referência, na nota 51, à obra 838 em Anselmo (1926), Verdelho refere-se a *Carmina - Ioannis Despauterij, de arte grammatica*, impressa por António de Mariz em 1563, que estampa a marca da Companhia de Jesus.

A primeira parte da gramática de Álvares tem início pelas declinações do nome e do verbo (1^f-45^v) e continua com os *Rudimenta*³, *sive de octo partibus Orationis* (46^t- 107^v). O livro II, *De octo partium orationis constructione* (108^t – 195^f) focaliza a sintaxe das diferentes classes e termina com as figuras de sintaxe. O terceiro livro (fols. 196^v – 244^v) trata da sílaba (*De syllabarum dimensione*).

Essa gramática do latim escrita em latim constitui-se no pano de fundo da descrição de diversas línguas estudadas pelos missionários da Companhia de Jesus. Um destes trabalhos foi a gramática escrita por Pedro Dias no Brasil.

Dificuldades na leitura da *Arte da língua de Angola*

A *Arte da Língua de Angola* foi escrita pelo jesuíta português Pedro Dias. Não há muita informação sobre a vida do autor. Nasceu em 1621 (Machado, 1752: III, 575) – ou em 1622 (Leite, 1938-1950: VIII, 199) –, em Gouveia⁴ (Backer, III: 41; Leite, 1938-1950: VIII, 199; também Leite, 1953: 162), ou em Viseu (Silva, 1862: VI, 402), ou na Vila de Gouveia do Bispado de Viseu (Machado, 1752: III, 575). Morreu na Bahia em 25 de janeiro de 1700.

A *Arte* descreve o quimbundo, língua banto que era falada na região do rio Cuanza. É essa a região denominada *Angola* pelos portugueses da época.

A leitura da *Arte da Língua de Angola* não parece oferecer dificuldades. Foi impressa em letra romana, tem poucas abreviaturas e o português já é moderno. A facilidade de leitura, decorrente do português e das características materiais da obra, é, contudo ilusória. Para um leitor atual, as dificuldades começam no título (de que língua se trata nessa gramática? a que território se refere o título? por que é uma “arte”?) e na dedicatória e continuam no uso de nomenclatura gramatical, que pode ser idêntica, mas tem significado diverso dos usos na atualidade. As referências, explícitas ou não, a autores do primeiro século da Companhia de Jesus – a Francesco Pacconio (1589-1641) e a Manuel Álvares (1526-1582) – dificilmente são percebidas por um leitor moderno.

As regras de Álvares e a sintaxe de Dias

Vamos aqui nos deter em apenas uma dessas dificuldades. Onde a influência de Álvares sobre Dias é mais evidente é na parte dedicada à sintaxe (Dias, fols. 33ss). A familiaridade de Dias e de seus leitores potenciais com a obra alvarística permitiu prescindir do enunciado completo de cada regra (Rosa, 2006), como ele próprio declara: “*Porém porei a primeira palavra da regra Latina*” (Dias: fol. 33). Se, para os missionários contemporâneos de Dias, era evidente a referência, esse é um aspecto que dificulta a leitura da *Arte* na atualidade.

³ Por *rudimentos* entenda-se a denominação dos princípios gerais da gramática: definição de gramática e de suas quatro partes, mas, essencialmente, as partes do discurso com as classes declináveis e as indeclináveis.

⁴ O catálogo da Brown University coloca Gouveia no Brasil, não em Portugal. Cabe notar que a cidade mineira de nome Gouveia é relativamente recente. Sua origem é o arraial de Santo Antônio de Gouveia, que começou a formar-se por deslocamento voluntário dos habitantes do Arraial Velho, depois da descoberta de ouro na região do Tijucu no século XVIII (IBGE.s.d. Histórico Cidades).

Em (1.1) a seguir destacam-se os exemplos dessa prática na *Arte*, marcadas com *PD* as passagens da *Arte* de Dias e, com *MA*, aquelas na gramática latina de Álvares.

(1.1)

(i)

PD, fol. 33

Verbum personale, &c.

MA, fol. II, 108

Verbum personale finiti modi antecedit nominatiuus apertè, vel occultè eiusdem numeri, & personæ.

[O verbo pessoal do modo finito pede antes de si nominativo posto claramente na oração, ou entendido nela escondidamente, o qual nominativo há de concordar com o seu verbo em número e pessoa.]⁵

(ii)

PD, fol. 34

Prima, & secunda persona, &c.

MA, fol. II, 108^v

Prima, & secunda persona ferè non explicantur, nisi cum diuersa studia significamus.

[A primeira pessoa e a segunda não se põem claramente na oração, senão quando nela significamos diversos estudos.]

(iii)

PD, fol. 34

Aut cum plus significamus, &c.

MA, fol. II, 108^v

Aut cum plus significamus, quam dicimus:[...] Tu, innocentior, quàm Mettellus?

[Ou quando significamos mais do que dizemos Tu és mais inocente que Metello?]

(iv)

PD, fol. 35

Verbum infinitum, etc

MA, fol. II, 109

Verbum infinitum interdum partes nominatiui agit

[‘O verbo no infinitivo muitas vezes faz o papel de nominativo’].

(v)

PD, fol. 35

Voces copulativæ, etc.

MA, fol. II, 109^v

Voces copulatae saepe verbum plurale desiderant

[‘Substantivos unidos geralmente pedem o verbo no plural’].

(vi)

PD, fol. 35

Nomina adjectiva, etc.

MA, fol. II, 110

Nomina Adiectiua, Pronomina & Participia cohaerent cum suis substantiuis genere, numero, & casu.

[‘Os nomes adjetivos, pronomes e participios concordam com seus substantivos em gênero, número e caso’].

(vii)

PD, fol. 37

⁵ Regra traduzida por Freire (1671).

Relativum qui, quae, quod, etc.

MA, fol. II, 111v

Relativum Qui, quae, quod concordat cum antecedente in genere, & numero.
[‘O relativo qui, quae, quod concorda com o antecedente em gênero e número’].

(viii)

PD, fol.39

Substantiva continuata, etc.

MA, fol. II, 113v

Substantiva continuata, quae ad eandem rem spectant, casu concordant, quanvis genere, & numero aliquando dissentiant

[‘Os substantivos em seqüência que pertencem à mesma coisa concordam em caso, ainda que nem sempre concordem quanto a gênero e número’].

(ix)

PD, fol.39

Interrogatio et responsio, etc.

MA, fol. II, 116

Interrogatio, & Responsio casu consentiunt
[‘A pergunta e a resposta concordam em caso’].

(x)

PD, fol.40

Genitivum post nomen, etc.

MA, fol. II, 116v

Genitivus post nomen substantivum. Quotiescunque duo nomina substantiva rerum diuersarum in oratione continuantur, alterum erit genitivi casus

[‘Genitivo depois do nome substantivo. Todas as vezes que dois nomes substantivos de coisas diversas estão em seqüência na oração, o segundo será o caso genitivo’].

MA, fol. II, 116v

Genitivus post nomen adiectivum.
[‘Genitivo depois do nome adjectivo’].

(xi)

PD, fol. 40

Partitivos.

MA, fol. II, 118

Partitiva genitio multitudinis gaudent
[‘Os partitivos gostam do genitivo plural’].

(xii)

PD, fol. 41

Superlativa.

MA, fol. II, 118v

Superlativa. Si multa eiusdem generis comparentur, utendum est superlativo cum genitio plurali.
[‘Superlativos. Se muito do mesmo tipo é comprado, necessário é usar do superlativo com genitivo do plural’].

(xiii)

PD, fol. 41

Verba neutra, etc

MA, fol. II, 134

Neutra saepe ablativum admittunt significantem partem.
[‘Os verbos neutros frequentemente pedem ablativo que signifie parte’].

(xiv)

PD, fol. 41

Os verbos, que significãõ, auxilio, proveito, &c. querem dativo

MA, fol. II, 128

Verba, quae Auxilium, Adulationem, Commodum, Incommodum, Fauorem, Studium significant, dandi casum postulant

(xv)

PD, fol. 41

Verbum passivum.

MA, fol. II, 145^v

Verbum passivum ablativum cum praepositione A, vel Ab, postulat post se, qui ex nominativus verbi activi fit.

(xvi)

PD, fol. 43

Propria pagorum.

MA, fol. II, 149

Propria pagorum, castellorum, urbium, primae, vel secundae declinationis ponuntur in genitivo post quodvis verbum, si interrogatio fiat per adverbium, Vbi..

[‘Os nomes próprios de lugares, de castelos, de cidades da primeira ou segunda declinação se põem em genitivo depois de qualquer verbo se a pergunta se fizer pelo advérbio *onde*’].

Um guia, não uma forma

Para a tradução dos exemplos em (1.1) contou-se aqui com a interpretação que João Nunes Freire, gramático português do século XVII e comentador de Álvares, apontou para as regras no texto alvarístico. *As margens da sintaxe*, obra de Freire publicada em 1671, demonstra que não apenas o latim de Álvares tinha de ser explicado, mas as regras que propôs. Sem a obra de Freire, não se teria aqui como considerar, por exemplo, “*plural*” uma tradução autorizada para “*multitudinis*”, como fizemos em (1.1-xi).

Exemplos como os arrolados em (1.1) têm sido usados para demonstração de que esses gramáticos do passado “*não levaram em conta a diferença estrutural entre as línguas, antes a obscureceram, ao forçar suas descrições no esquema da gramática latina*” (Bloomfield, 1933: 8). Esse tipo de crítica aos trabalhos gramaticais do passado tem muito de incompreensão historiográfica. Face a línguas que traziam problemas descritivos até então desconhecidos, a gramática latina de Álvares, sabida de cor, oferecia uma espécie de guia de trabalho de campo. A cada regra alvarística o autor aponta semelhanças ou diferenças na língua em estudo. O único preparo desses missionários para levar a cabo a descrição era “saber gramática”.

Considerações finais

Reconhecer a importância da gramática de Manuel Álvares não equivale a considerar que descrições como a de Pedro Dias fizeram todas as línguas iguais ao latim. Até porque Dias (fol. 33) deixa claro que vai levar em conta “*sómente das regras geraes, que pertencem a todas as línguas, & que se podem accommodar à dos Ambundos*”.

Referências

- ÁLVARES, Manuel. *De institutione grammatica libri tres*. Lisboa:João Barreiro, 1572. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/13567062/1572gramatica-latina>
- BACKER, Augustine de. *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus, ou Notices bibliographiques.... T. 2 / par Augustin de Backer... ; avec la collaboration d'Alois de Backer et de Charles Sommervogel,.... - A. de Backer (Liège) - 1869-1876*  [http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54892242.r="Sommervogel,+Carlos".langEN](http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54892242.r=)
- COSTA, J. Pereira da. [1974]. Introdução. In: ÁLVARES, Manuel. 1572. *De institutione grammatica libri tres*. Lisboa:João Barreiro. Ed. fac-similar: [s.l.] Junta Geral do Distrito Autónomo de Funchal, [1974]. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/13567062/1572gramatica-latina> [Acesso em 01 Nov 2010].
- DIAS, Pedro. *Arte da lingua de Angola*. Lisboa: Miguel Deslandes, 1697.
- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. Chicago: The University of Chicago Press,1984. 564p.
- FRANCA, Leonel, ed. 1952. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio studiorum"*. Rio de Janeiro: Agir.
- FREIRE, João Nunes. *Margens da sintaxe*. [Lisboa]: Oficina de Diogo Soares de Bulhões, 1671.
- LEITE, Serafim. 1938-1950. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Ed. fac-similar. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 10 vv.
- MACHADO, Diogo Barbosa. 1752. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Oficina de Ignacio Rodrigues. 3 vv. v.3
- ROSA, Maria Carlota. 2006. Revendo uma das críticas às descrições missionárias. *Revista de Estudos da Linguagem*. v.14, p.203 - 230, 2006.
- SILVA, Innocencio Francisco da. 1862. *Diccionario bibliographico portuguez; Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional. t. VI. .
- VERDELHO, Telmo. 1982. Historiografia linguística e reforma do ensino: a propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal. *Bragantia*, 2 (4): 347-356. Out.-Dez.-1982. Disponível em: http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/Historiografia_linguistica_memoria_ensino.pdf

AUTORA

¹ Maria Carlota Rosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Departamento de Linguística e Filologia/ Programa de Pós-Graduação em Linguística
carlota@ufrj.br